

Data: 7 de Junho de 2007	Semana Médica	Pág: 30	
Periodicidade: Semanal		Cores: Cor	

Actualidade em Análise

Paula Pereira / Arquivo

Texto / Fotografia

Portugal segue tendência internacional Mulheres dominam Medicina

As mulheres estão a tomar, de forma crescente e acelerada, o lugar dos homens na Medicina. Este foi um dos temas que esteve em debate no 6.º Congresso da Federação Europeia de Medicina Interna, que se realizou durante dois dias em Lisboa

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades". Este ditado popular pode ser perfeitamente aplicado da Medicina. Isto porque, neste momento são as mulheres que estão na frente da "batalha".



Cada vez mais são as mulheres que estão a tomar, de forma crescente e acelerada, o lugar dos homens na Medicina.

Este foi um dos temas que esteve em debate no 6.º Congresso da Federação Europeia de Medicina Interna, que se realizou entre os dias 23 e 26 de Maio, em Lisboa.

A organização do evento esteve a cargo da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna.

Antigamente esta actividade era tida como tipicamente mas-

culina. Mas, hoje em dia, em Portugal, dois terços dos estudantes de Medicina e de Ciências Médicas são mulheres, o que demonstra como o futuro da profissão se vai conjugar no feminino.

No entanto, importa salientar que as alterações não se ficam por aqui. Ou seja, a distribuição das especialidades médicas por género, ao contrário do que acontecia há alguns anos, deixou de obedecer a um padrão tradicionalista, segundo o qual as áreas de Ginecologia ou de Pediatria, por exemplo, eram encaradas como tipicamente femininas.

Segundo informações que a Semana Médica teve acesso "no espaço de dez anos, de 1995 a 2005, a especialidade de Anestesia passou de terceira a segunda mais escolhida pelas mulheres e a Medicina Interna, subiu do sexto para o quinto lugar, o que corresponde, neste último caso, a um crescimento de 375 para 715 mulheres Internistas".

O registo da primeira mulher portuguesa a licenciar-se em Medicina faz-nos recuar até ao ano de 1889, mas é preciso esperar pelos anos 80, cerca de um século depois, para se verificar um aumento significativo da capacidade de atracção das mulheres pela Medicina, tendo mesmo havido uma subida drástica, nos anos 90.

"...o número de estudantes em formação que são mulheres já ultrapassa largamente o dos homens..."

Uma das personalidades que marcou presença na conferência foi a Directora Nacional da Saúde e do Trabalho, do Reino Unido, Carol Black. A especialista fez questão de explicar a todos os presentes que "ainda está para se saber, com precisão, qual vai ser o impacto da crescente feminização da Medicina, mas o número de estudantes e de médicos em formação que são mulheres, ultrapassa já largamente o dos homens". As experiências observadas noutras profissões "sugerem que vamos assistir a alterações significativas nas estruturas das carreiras, nas escolhas profissionais, nos padrões de trabalho e na economia, subjacentes à profissão médica".

Acrescentou ainda que "é importante investigar quais são os factores que levaram a esta evolução, para que possamos perceber quais serão as consequências de uma alteração tão significativa".

Depois destas explicações, Graça Carapinheiro, professora no Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) frisou de forma peremptória que "é significativo que, em 2004, tenha sido colocada a possibilidade de criar quotas para homens em cursos de Medicina, para que a actividade médica não se tornasse demasiado feminina, o que pode ser considerado como uma tentativa de preservar privilégios desta profissão, historicamente considerada de grande prestígio social, num ambiente exclusivamente masculino".